

USO, MUDANÇA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: A POESIA ENQUANTO RETRATO DO NORDESTE E DO SUL BRASILEIRO

Wiliam Dal Ponte^{*}
Ernani César de Freitas^{**}

RESUMO: *Abordaremos aqui aspectos acerca do universo linguístico em potencial: o uso da língua, acompanhado de sua mudança e variação. Faremos a análise de dois poemas. O primeiro pertence ao poeta nordestino Patativa do Assaré, intitulado Aos poetas clássicos. O segundo, Bochincho, foi composto pelo gaúcho Jayme Caetano Braun. A questão norteadora desse trabalho é verificar se a partir dos pressupostos teóricos da Sociolinguística pode-se perceber diferenças (diatópicas, diastráticas, diafásicas e diacrônicas) constitutivas dos poemas representativos do Nordeste e do Sul brasileiro.*

PALAVRAS-CHAVE: *língua; poesia; Sociolinguística.*

ABSTRACT: *We will discuss here about aspects of the universe language potential: the use of language, accompanied by his change and variation. We will analyze two poems. The first belongs to the poet Patativa northeast of Bakersfield, entitled To the classical poets. The second, Dance Palace, was composed by gaúcho Jayme Caetano Braun. The guiding question is whether this work apart from the theoretical principles of sociolinguistics can perceive differences (diatopic, diastráticas, diafásicas and diachronic) constitutive of poems representing the northeastern and southern Brazil.*

KEYWORD: *language; poetry; Sociolinguistics.*

INTRODUÇÃO

A língua não se constitui enquanto fenômeno social imóvel, alheio ao homem, ao tempo e ao espaço. Pelo contrário: ela é uma propriedade (posta em execução através da linguagem) plena de dinamismo, constituinte do sujeito que a utiliza independentemente da situação de comunicação.

Nessa perspectiva, abordaremos aspectos acerca desse universo linguístico em potencial: o uso da língua, acompanhado de sua mudança e

^{*} Mestrando em Letras da Universidade de Passo Fundo - UPF - RS e docente disciplina de Redação no Ensino Médio Garra e de Redação no Pré-Vestibular Garra, de de Passo Fundo

^{**} Pós-doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Doutor em Letras, área de concentração Linguística Aplicada, Professor do Mestrado em Letras na Universidade de Passo Fundo (RS) e do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais na Universidade Feevale (RS).

variação. A fim de procedermos com essa atividade, faremos a análise, à luz da Sociolinguística, de dois poemas. O primeiro deles pertence ao poeta nordestino Patativa do Assaré, intitulado *Aos poetas clássicos*. O segundo, *Bochincho*, foi composto pelo poeta gaúcho Jayme Caetano Braun.

Importante é justificarmos, primeiramente, o porquê da escolha do *corpus* de análise deste trabalho. Integrar língua e literatura - enquanto manifestações parceiras - é fundamental, pois além de formar um “elo” inseparável em se tratando de significância, quando integradas elas contemplam o fenômeno linguístico em sua plenitude. Se não bastasse isso, a iniciativa de estudarmos a poesia nordestina em contraponto à gaúcha é interessante e permite tratarmos dos aspectos fundamentais dessa pesquisa com propriedade.

Admitindo isso, a questão norteadora desse trabalho é: a partir dos pressupostos teóricos da Sociolinguística no que tange às questões referentes à mudança, ao uso e à variação linguística, pode-se perceber diferenças (diatópicas, diastráticas, diafásicas e diacrônicas) constitutivas dos poemas representativos do nordeste e do sul brasileiro. Complementarmente, verificaremos ainda, no *corpus* de análise selecionado, como a seleção vocabular contribui para que o texto de Patativa do Assaré se diferencie - embasado nos postulados teóricos previamente estabelecidos - dos escritos de Jayme Caetano Braun.

A iniciativa de identificarmos as marcas diferenciadoras, sociolinguisticamente, de um texto em comparação ao outro nos permite aprofundar os estudos que integram língua, linguagem, literatura e sociedade, à medida que nos possibilita trazer à tona conceitos teóricos que se cristalizam em escritos desafiadores no que tange à abordagem e à análise (o poema) tendo em vista a subjetividade que os constitui.

Língua, linguagem, literatura e sociedade constituem, aqui, um trinômio interrelacionado. Então, a partir disso se torna significativo mencionarmos que o objetivo geral desse trabalho é verificar - por meio de análise - a presença das variantes linguísticas (inerentes à ciência sociolinguística) como possível fator de diferenciação entre os escritos dos dois poetas já mencionados. Concomitantemente a isso, objetivos específicos serão também abordados: verificar como o uso, delineado pelo vocabulário, caracteriza singularmente os dois poemas aqui tratados. E, por fim, identificaremos, calcados em pressupostos teóricos, como a mudança linguística se manifesta no poema do Nordeste em contraponto ao poema do Sul do país.

Isso tudo, parece-nos, permitirá ver que, mesmo sendo o poema um gênero textual dotado de subjetividade, fatores como contexto, uso, e variações no âmbito da língua são determinantes à construção de textos diversificados, mesmo que esses estejam inseridos em tipologias textuais idênticas ou ao menos similares.

O trabalho aqui realizado será, primeiramente, desenvolvido por uma pesquisa bibliográfica de cunho descritivo, sendo complementado por análises qualitativas acerca da teoria sociolinguística e dos conceitos inerentes a esse viés teórico de investigação.

A fim de ressaltarmos a importância de alguns conceitos básicos - porém não menos significativos - daremos prosseguimento às reflexões na seção seguinte.

LÍNGUA, LINGUAGEM E LINGUÍSTICA: (MACRO)UNIVERSO CONTEXTUALIZADOR

Primeiramente, vale ressaltarmos que a ciência está comprometida com o real. Sua validade necessita, então, ser verificada. Estando a Sociolinguística atrelada ao universo científico das múltiplas linguagens, não seria conveniente prosseguirmos este trabalho sem antes realizarmos uma contextualização acerca da língua, da linguagem e da linguística.

Os conceitos de língua e de linguagem estão atrelados ao que se compreende como Linguística (ciência que se detém na investigação da linguagem verbal humana). O caráter científico da Linguística se consolida à medida que o linguista procura estudar e explicar situações como, por exemplo, padrões sonoros, gramaticais e lexicais que se apresentam na situação real de uso. A função do cientista da língua, diante desse quadro, é a de estudar a expressão linguística como ocorrência merecedora de explicação inserida em um universo científico plausível.

Acerca disso, Margarida Petter (2010, p. 18) mostra que

O linguista procura descobrir como a linguagem funciona por meio do estudo de línguas específicas, considerando a língua um objeto de estudo que deve ser examinado empiricamente, dentro de seus próprios termos, como a Física, a Biologia, etc. A metodologia de análise linguística focaliza, principalmente, a fala das comunidades e, em segunda instância, a escrita.

Essa postura teórico-metodológica frente à Linguística - enquanto ciência encapsuladora da língua e da linguagem - se fundamenta em dois princípios básicos: empirismo e objetividade. Trabalhando com dados verificáveis, através de observações, a Linguística fomenta a ideologia empirista; examinando a língua de modo independente, despojada de preconceitos culturais e sociais ela atende às expectativas objetivistas.

Interessante é não esquecermos que o *corpus* de análise deste trabalho se trata de poemas de diferentes autores de distintas regiões brasileiras. Acerca do *corpus*, Petter (2010, p. 21) afirma que

Com o objetivo de descrever a língua, a Linguística desenvolveu uma metodologia que visa analisar frases efetivamente realizadas reunidas num *corpus* representativo (conjunto de dados organizados com uma finalidade de investigação). O *corpus* não é constituído apenas pelas frases “corretas” (como a gramática normativa), também inclui as expressões “erradas”, desde que apareçam na fala dos locutores nativos da língua sob análise. A descrição dos fatos assim organizados não tem nenhuma intenção normativa ou histórica, pretende tão somente apreender a estrutura das frases, dos morfemas, dos fonemas e as regras que permitem combinação destes.

O entrelaçamento aqui concebido entre os conceitos de língua, linguagem e linguística é fundamental, pois através dele se torna possível percebermos que não se pode permitir a sua dissociação, visto que se perderia o caráter de complementaridade que permeia essa relação. A língua é uma manifestação da própria linguagem. Essa última tem, por sua vez, um lado individual e um lado social que a Linguística (enquanto ciência) não descarta, mas observa como objeto material passível de análises. Em seguida, aprofundaremos as discussões acerca da Sociolinguística e de outros postulados de cunho teórico que a complementam.

SOCIOLINGUÍSTICA: MUDANÇA E VARIAÇÃO

O homem está em ininterrupto processo de comunicação. A palavra - vista como uma das segmentações do discurso falado - constitui o que se denomina como vernáculo. Esse cristaliza o material básico à análise sociolinguística.

O que se convencionou, porém, denominar como Sociolinguística? O termo Sociolinguística fixou-se, a princípio, no ano de 1964, em um congresso realizado na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), organizado por William Bright (1966). Tendo como proposta primeira a de fazer ver que a Sociolinguística servia para demonstrar a covariação sistemática das mudanças linguísticas e sociais (relacionar observáveis variações da língua e do seu uso em uma determinada comunidade), Bright deu o salto inicial a uma ciência que, com o passar do tempo, ganhou ainda mais força e mostrou ser importante aos estudos científicos da Linguística.

Inseridos nesse universo temático desenhado pela Sociolinguística, alguns fatores merecem destaque: a identidade social do emissor ou falante, a identidade social do receptor ou ouvinte, o contexto social e o julgamento social distinto que os falantes fazem diante de seu próprio comportamento linguístico, dentre outros. O caráter interdisciplinar da Sociolinguística faz dela, também, uma ciência rica em abordagens para seu campo de

estudos e análises.

Na tentativa de contextualizar os objetos, os conceitos e os pressupostos que fomentam o estudo sociolinguístico, Tânia Maria Alkmim (2001, p. 31) explica que

Pondo de maneira simples e direta, podemos dizer que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a *comunidade linguística*, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. Em outras palavras, uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras.

Os diversificados modos de falar de uma comunidade constituem, em essência, a variação linguística. O repertório verbal é o somatório (em número indefinido ou imensurável) de variações ou mudanças linguísticas que se apresentam em uma comunidade de falantes de uma língua. Referindo-se à relação existente entre língua e variação, Alkmim (2001, p. 33) mostra que

Língua e variação são inseparáveis: a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico. Nesse sentido, qualquer tentativa de buscar apreender apenas o invariável, o sistema subjacente - se valer de opiniões como “língua e fala”, ou competência e *performance* - significa uma redução na compreensão do fenômeno linguístico. O aspecto formal e estruturado do fenômeno linguístico é apenas parte do fenômeno total.

Estando em sintonia com o fator sincrônico de evolução das línguas podemos notar que a variação linguística age, no idioma, por meio da influência que sofre de fatores de diversas ordens: sexo, classe social, localização geográfica e faixa etária. O falante absorve termos que constituem o repertório próprio de sua região e impregna-se de construções vocabulares de indivíduos de sua idade, consolidando, por exemplo, o universo das mudanças que constituem a língua.

Isso tudo possibilita que se construa o padrão que “molda” uma sociedade. É no ato individual de utilização da língua (embebido pela presença do outro) que se dá forma ao contexto comunicativo de toda uma totalidade de falantes que constituem a coletividade, a própria comunidade.

A coexistência das variedades linguísticas constrói, então, o próprio processo comunicativo. Alkmim (2001, p. 40) reflete sobre a natureza da variedade linguística, comentando que

Constata-se, de modo muito evidente, a existência de *variedades de prestígio* e de *variedades não prestigiadas* nas sociedades em geral. As sociedades de tradição ocidental oferecem um caso particular de variedade prestigiada: a *variedade padrão*. A variedade padrão é a variedade linguística socialmente mais valorizada, de reconhecido prestígio dentro de uma comunidade, cujo uso é, normalmente, requerido em situações de interação determinadas, definidas pela comunidade como próprias, em função da formalidade da situação, do assunto tratado, da relação entre os interlocutores etc. A questão da língua padrão tem uma enorme importância em sociedades como a nossa. Algumas considerações a seu respeito se impõem.

A mudança linguística e a variação constituem, assim, aspectos fundamentais da ciência que se convencionou nomear por Sociolinguística. Na mescla entre língua, contrastes e “fugas” do padrão convencional de comunicação que pontua a sociedade, a Sociolinguística desperta interesses por coordenar tais fatores, inserindo-os harmonicamente no âmbito da interação humana.

Após a explanação acerca dos fenômenos interligados de língua, linguagem e de informações sobre a ciência linguística faremos, na seção seguinte deste texto, a exposição dos procedimentos metodológicos que sustentam a análise que será realizada.

Os procedimentos metodológicos a serem descritos têm a função de balizar a leitura do *corpus* de pesquisa, permitindo que se faça isso de modo condizente com a realidade temática que os poemas comportam em sua singularidade.

CAMINHOS A PERCORRER

Realizaremos, na próxima seção, a análise da questão referente ao uso, à mudança e à variação linguística, tendo embasamento nas reflexões propostas por estudiosos pertencentes à área de conhecimento da Sociolinguística. A pesquisa aqui realizada é bibliográfica de cunho descritivo, sendo complementada por análises qualitativas sobre a teoria sociolinguística, abrangendo, também, conceitos inerentes a esse viés teórico de investigação. Tal tarefa será feita em dois poemas (*Aos poetas clássicos*, de autoria de Patativa do Assaré e *Bochincho*, escrito por Jayme Caetano Braun).

Esta atividade de análise tem como tarefa primordial: identificar as

diferenças (diatópicas, diastráticas, diafásicas e diacrônicas) entre dois poemas representativos do Nordeste e do Sul brasileiro; verificar, no *corpus* escolhido, como a seleção do vocabulário contribui para que o texto de Patativa do Assaré se diferencie - embasado em postulados teóricos - dos escritos de Jayme Caetano Braun e, por fim, demonstrar que a Sociolinguística se consolida como prática inclusiva, permitindo ao leitor a oportunidade de enquadrar-se, por meio da literariedade dos poemas, em um universo temático que lhe possa ser peculiar.

A fim de procedermos com tal tarefa fizemos a leitura dos poemas de modo atento, para apreendermos o possível sentido (literal e explícito) que eles geram no exercício de decodificação das palavras. Em seguida, selecionamos, calcados nos preceitos referentes à Sociolinguística, marcas visíveis de ocorrências de cada um dos tipos de variação linguística mencionadas neste trabalho. É interessante ressaltarmos que não selecionamos todos os indícios referentes à presença das variações, pois eles são vastos e fariam de nossa reflexão uma tarefa notavelmente extensa.

Os conceitos teóricos apresentados até o momento neste trabalho servirão como diretrizes orientadoras ao processo de análise que será feito a seguir, estando tais embasamentos em plena consonância à Sociolinguística.

Nosso estudo, realizado a partir de pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, valeu-se de conceitos que se referem ao que se denomina como paradigma indiciário - modelo epistemológico utilizado na atualidade em pesquisas de natureza qualitativa - que, de acordo com Ginzburg (1986, p. 151), apareceu na esteira das ciências humanas no final do século XIX.

Como foi pontuado na Introdução, o enfoque primordial deste trabalho está direcionado a contemplar, juntamente com os quatro tipos de variação linguística, as propriedades de mudança e uso da língua, estando amparada, nossa observação, nos conceitos difundidos pela ciência sociolinguística.

Verificamos, em ambos os poemas, algumas ocorrências calcadas nos objetivos previstos neste trabalho as quais mostraremos, em seguida, para fins de contextualização e análise.

CENÁRIO DE CONFLUÊNCIAS: REFLEXÃO E ANÁLISE

A análise que faremos será pontuada por evidências identificadoras (presença das variações de cunho diatópico, diastrático, diafásico e diacrônico) balizadas na seção referente aos procedimentos metodológicos. Aqui será possível ao leitor aprofundar o conhecimento da realidade criada pelos dois poetas por meio da exploração analítica de fenômenos que se

mostram inerentes à Sociolinguística.

O primeiro poema que analisaremos nessa etapa do trabalho é o seguinte:

Aos poetas clássicos
Patativa do Assaré

Poetas niversitário,
Poetas de Cademia,
De rico vocabularo
Cheio de mitologia;
Se a gente canta o que pensa,
Eu quero pedir licença,
Pois mesmo sem português
Neste livrinho apresento
O prazê e o sofrimento
De um poeta camponês.

Eu nasci aqui no mato,
Vivi sempre a trabaiaá,
Neste meu pobre recato,
Eu não pude estudá.
No verdô de minha idade,
Só tive a felicidade
De dá um pequeno insaio
In dois livro do iscritô,
O famoso professô
Filisberto de Carvaio.

No premêro livro havia
Belas figuras na capa,
E no começo se lia:
A pá - O dedo do Papa,
Papa, pia, dedo, dado,
Pua, o pote de melado,
Dá-me o dado, a fera é má
E tantas coisa bonita,
Qui o meu coração parpita
Quando eu pego a rescordá.

Foi os livro de valô
Mais maió que vi no mundo,
Apenas daquele autô
Li o premêro e o segundo;
Mas, porém, esta leitura,
Me tirô da treva escura,
Mostrando o caminho certo,

Bastante me protegeu;
Eu juro que Jesus deu
Sarvação a Filisberto.

Depois que os dois livro eu li,
Fiquei me sintindo bem,
E ôtras coisinha aprendi
Sem tê lição de ninguém.
Na minha pobre language,
A minha lira servage
Canto o que minha arma sente
E o meu coração incerra,
As coisa de minha terra
E a vida de minha gente.

Poeta niversitaro,
Poeta de cademia,
De rico vocabularo
Cheio de mitologia,
Tarvez este meu livrinho
Não vá recebê carinho,
Nem lugio e nem istima,
Mas garanto sê fié
E não istruí papé
Com poesia sem rima.

Cheio de rima e sintindo
Quero iscrevê meu volume,
Pra não ficá parecido
Com a fulô sem perfume;
A poesia sem rima,
Bastante me disanima
E alegria não me dá;
Não tem sabô a leitura,
Parece uma noite iscura
Sem istrela e sem luá.

Se um dotô me perguntá
Se o verso sem rima presta,
Calado eu não vou ficá,
A minha resposta é esta:
Sem a rima, a poesia
Perde alguma simpatia
E uma parte do primô;
Não merece munta parma,
É como o corpo sem arma
E o coração sem amô.

Meu caro amigo poeta,
Qui faz poesia branca,
Não me chame de pateta
Por esta opinião franca.
Nasci entre a natureza,
Sempre adorando as beleza
Das obra do Criadô,
Uvindo o vento na serva
E vendo no campo a reva
Pintadinha de fulô.

Sou um caboco rocêro,
Sem letra e sem istrução;
O meu verso tem o chêro
Da poêra do sertão;
Vivo nesta solidade
Bem distante da cidade
Onde a ciença governa.
Tudo meu é naturá,
Não sou capaz de gostá
Da poesia moderna.

Dêste jeito Deus me quis
E assim eu me sinto bem;
Me considero feliz
Sem nunca invejá quem tem
Profundo conhecimento.
Ou ligêro como o vento
Ou divagá como a lêsma,
Tudo sofre a mesma prova,
Vai batê na fria cova;
Esta vida é sempre a mesma.

No texto, percebe-se, inicialmente, que há o retrato do ofício de escrever, mas o poeta caracteriza-o como atividade nobre desempenhada por um homem simples como se pode ver na construção “Pois mesmo sem português”.

O verso “Eu nasci aqui no mato” constitui-se como variação diatópica, pois Patativa do Assaré localiza-se geograficamente, denotando a presença de uma variação de ordem regional. Versos como “Nasci entre a natureza” e “Da poêra do sertão” também configuram, mesmo com vocabulário diferenciado do modo padrão-culto da língua, variações de ordem diatópica, tendo o cenário nordestino papel determinante na construção de um sistema lexical que nos conduz a uma situação de diatopia linguística.

É evidente que as construções agora mencionadas denotam marcas de regionalidade, pois o poeta está inserido em um espaço físico no qual construções de linguagem específicas da realidade individual dele ganham força e, conseqüentemente, materializam-se no seu modo de escrever.

Segundo Labov (1983), a variação existe em todas as línguas naturais humanas, é inerente ao sistema linguístico, ocorre na fala de uma comunidade e, inclusive, na fala de uma mesma pessoa. Isto significa que a variação sempre existiu e sempre existirá, independente de qualquer ação normativa.

As variações diastráticas e diafásicas são abundantes no poema. Elas se referem às variedades de uso dos diferentes grupos de falantes. São exemplos disso: “niversitário”, “prazê”, “trabaiá”, “premêro”, “valô”, “autô”, “iscrevê”, “dotô”, “fulô”, “rocêro”, “chêro”, “naturá”, “gostá” e “divagá”, dentre outros. O vocabulário - objeto de análise incluso neste trabalho de investigação - auxilia na construção do sentido do poema, pois atua como fator diferenciador em comparação ao uso da linguagem de outras regiões do país, por exemplo. Aqui podemos ver que as “marcas” vocabulares dão ao poema uma carga semântica expressiva, constituindo a singularidade da linguagem do poeta.

No que tange às variações de cunho diacrônico (diferenças que surgem em decorrência da faixa etária dos falantes) há várias marcas identificadoras. Elas aparecem em construções poéticas como “No verdô de minha idade” e “Vivi sempre a trabaiá”. Mesmo o poeta já tendo idade mais avançada (fato que podemos notar por meio da construção desses versos), ele não deixa isso explicitamente posto, fazendo com que os indícios de variações de cunho diacrônico sejam menos perceptíveis, porém, imagináveis.

O estudioso do texto Fernando Tarallo (1994) em Pesquisa Sociolinguística mostra que os falares regionais podem ser descritos e mapeados

com base em uma metodologia da linguagem que subsidie o trabalho do linguista. Assim, a Sociolinguística estudaria as relações entre as variações linguísticas e as variações sociológicas. Descrevendo o falante em toda sua essência, não desprezando o contexto em que se encontra, mas, levando em consideração todo aspecto em que se encontra no momento em que emite uma mensagem. Nesse mesmo contexto, ele afirma que a língua por ser um marcador que identifica usuários ou grupos a qual pertence, pode também ser o delimitador das diferenças sociais no seio de uma comunidade.

Válido é ressaltarmos, também, que o vocabulário tipicamente nordestino utilizado por Patativa do Assaré auxilia na edificação de uma atmosfera que conduz o leitor ao espaço físico no qual o poema se

desenvolve - nordeste brasileiro - reforçando o caráter diatópico e sociolinguístico do texto anteriormente mostrado. Para Labov, o precursor do uso da noção de comunidade de fala no âmbito da sociolinguística, não se pode compreender a variação e a mudança linguística fora do contexto social da comunidade onde os usos linguísticos se encontram inseridos. Segundo esse autor, uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que utiliza as mesmas formas linguísticas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas em relação à língua (LABOV, 1972, p. 58).

O segundo poema a ser analisado é o que consta a seguir:

Bochincho
Jayme Caetano Braun

A um bochincho - certa feita,
Fui chegando - de curioso,
Que o vício - é que nem sarnoso,
nunca pára - nem se ajeita.
Baile de gente direita
Vi, de pronto, que não era,
Na noite de primavera
Gaguejava a voz dum tango
E eu sou louco por fandango
Que nem pinto por quirera.

Atei meu zaino - longito,
Num galho de guamirim,
Desde guri fui assim,
Não brinco nem facilito.
Em bruxas não acredito
'Pero - que las, las hay',
Sou da costa do Uruguai,
Meu velho pago querido
E por andar desprevenido
Há tanto guri sem pai.

No rancho de santa-fé,
De pau-a-pique barreado,
Num trancão de convidado
Me entreverei no banzé.
Chinaredo à bola-pé,
No ambiente fumacento,
Um candieiro, bem no centro,
Num lusco-fusco de aurora,
Pra quem chegava de fora
Pouco enxergava ali dentro!

Dei de mão numa tiangaça
Que me cruzou no costado
E já sai entreverado
Entre a poeira e a fumaça,
Oigalé china lindaça,
Morena de toda a crina,
Dessas da venta brasina,
Com cheiro de lechiguana
Que quando ergue uma pestana
Até a noite se ilumina.

Misto de diaba e de santa,
Com ares de quem é dona
E um gosto de temporona
Que traz água na garganta.
Eu me grudei na percanta
O mesmo que um carrapato
E o gaiteiro era um mulato
Que até dormindo tocava
E a gaita choramingava
Como namoro de gato!

A gaita velha gemia,
Às vezes quase parava,
De repente se acordava
E num vanerão se perdia
E eu - contra a pele macia
Daquele corpo moreno,
Sentia o mundo pequeno,
Bombeando cheio de enlevo
Dois olhos - flores de trevo
Com respingos de sereno!

Mas o que é bom se termina
- Cumpriu-se o velho ditado,
Eu que dançava, embalado,
Nos braços doces da china
Escutei - de relancina,
Uma espécie de relincho,
Era o dono do bochincho,
Meio oitavado num canto,
Que me olhava - com espanto,
Mais sério do que um capincho!

E foi ele que se veio,
Pois era dele a pinguancha,
Bufando e abrindo cancha

Como dono de rodeio.
Quis me partir pelo meio
Num talonço de adaga
Que - se me pega - me estraga,
Chegou levantar um cisco,
Mas não é a toa - chomisco!
Que sou de São Luiz Gonzaga!

Meio na volta do braço
Consegui tirar o talho
E quase que me atrapalho
Porque havia pouco espaço,
Mas senti o calor do aço
E o calor do aço arde,
Me levantei - sem alarde,
Por causa do desaforo
E soltei meu marca touro
Num medonho buenas-tarde!

Tenho visto coisa feia,
Tenho visto judiaria,
Mas ainda hoje me arrepia
Lembrar aquela peleia,
Talvez quem ouça - não creia,
Mas vi brotar no pescoço,
Do índio do berro grosso
Como uma cinta vermelha
E desde o beíço até a orelha
Ficou relampeando o osso!

O índio era um índio touro,
Mas até touro se ajoelha,
Cortado do beíço a orelha
Amontoou-se como um couro
E aquilo foi um estouro,
Daqueles que dava medo,
Espantou-se o chinaredo
E amigos - foi uma zoada,
Parecia até uma eguada
Disparando num varzedo!

Não há quem pinte o retrato
Dum bochincho - quando estoura,
Tinidos de adaga - espora
E gritos de desacato.
Berros de quarenta e quatro
De cada canto da sala

E a velha gaita baguala
Num vanerão pacholento,
Fazendo acompanhamento
Do turumbamba de bala!

É china que se escabela,
Redemoinhando na porta
E chiru da guampa torta
Que vem direito à janela,
Gritando - de toda guela,
Num berreiro alucinante,
Índio que não se garante,
Vendo sangue - se apavora
E se manda - campo fora,
Levando tudo por diante!

Sou crente na divindade,
Morro quando Deus quiser,
Mas amigos - se eu disser,
Até periga a verdade,
Naquela barbaridade,
De chínaredo fugindo,
De grito e bala zunindo,
O gaiteiro - alheio a tudo,
Tocava um xote clinudo,
Já quase meio dormindo!

E a coisa ia indo assim,
Balanceei a situação,
- Já quase sem munição,
Todos atirando em mim.
Qual ia ser o meu fim,
Me dei conta - de repente,
Não vou ficar pra semente,
Mas gosto de andar no mundo,
Me esperavam na do fundo,
Saí na Porta da frente...

E dali ganhei o mato,
Abaixo de tiroteio
E ainda escutava o floreio
Da cordeona do mulato
E, pra encurtar o relato,
Me bandeiei pra o outro lado,
Cruzei o Uruguai, a nado,
Que o meu zaino era um capincho
E a história desse bochincho

Faz parte do meu passado!

E a china - essa pergunta me é feita
A cada vez que declamo
É uma coisa que reclamo
Porque não acho direita
Considero uma desfeita
Que compreender não consigo,
Eu, no medonho perigo
Duma situação brasina
Todos perguntam da china
E ninguém se importa comigo!

E a china - eu nunca mais vi
No meu gauderiar andejo,
Somente em sonhos a vejo
Em bárbaro frenesi.
Talvez ande - por aí,
No rodeio das alçadas,
Ou - talvez - nas madrugadas,
Seja uma estrela chirua
Dessas - que se banha nua
No espelho das aguadas!

O poema elaborado por Jayme Caetano Braun é rico em variações linguísticas. Nele, o poeta consegue aplicar, por meio do vocabulário tipicamente gaúcho, sentidos interessantes.

As variantes diatópicas são abundantes. Esses termos que identificam marcas regionais de uso da língua são: “bochincho”, “fandango”, “longito”, “zaino”, “guri”, “rancho”, “chinaredo”, “espora”, “guela”, “xote”, “cordeona”, “capincho”, “brasina” e “gauderiar”, entre outros. O léxico empregado por Braun na construção dos versos se diferencia do conteúdo lexical do poema do Nordeste, por exemplo, à medida que emprega construções vocabulares difundidas no linguajar do homem rude do Sul do país.

Essas marcas identificam, no que tange ao uso, o vocabulário inerente ao homem do campo (universo geográfico do poeta), fazendo com que questões de ordem física - espaço e relevo - estejam presentes na seleção lexical do poema.

Desse modo, a partir da Sociolinguística, dá-se ênfase ao fato de que a língua deve ser encarada como um sistema heterogêneo em constante processo de mutação, que se relaciona diretamente às mudanças do meio social em que se insere. Em outras palavras, a língua passa a ser vista como algo eminentemente social, caracterizada como uma realidade heterogênea e multifacetada, pois, ao analisar o contexto social em que a língua é utilizada, percebe-se que muitos elementos da estrutura linguística

implicam a variação sistemática que reflete tanto a mudança no tempo quanto nos processos sociais:

Os procedimentos da linguística descritiva fundamentam-se na concepção de que a língua é um conjunto estruturado de normas sociais. No passado, foi útil considerar que tais normas eram invariáveis e compartilhadas por todos os membros da comunidade linguística. No entanto, as análises mais detalhadas do contexto social em que a língua é utilizada vieram demonstrar que muitos elementos da estrutura linguística estão implicados na variação sistemática que reflete tanto a mudança no tempo quanto os processos sociais extralinguísticos (LABOV, 1968, p. 241, tradução nossa).

Quanto às variações do tipo diastrático, aparecem versos como, por exemplo: “Fui chegando - de curioso”, “Desde guri fui assim”, “Sou crente na divindade”, “A cada vez que declamo” e “No meu gauderiar andejo”. Essas expressões são típicas de um grupo específico de falantes, pessoas da atividade campeira da fronteira gaúcha que têm costumes inerentes ao seu grupo social, por exemplo.

O uso formal ou informal da língua pelos seus usuários caracteriza o que se nomeia por variações diafásicas. Segundo Labov (1983), a variação existe em todas as línguas naturais humanas, é inerente ao sistema linguístico, ocorre na fala de uma comunidade e, inclusive, na fala de uma mesma pessoa. Isto significa que a variação sempre existiu e sempre existirá, independente de qualquer ação normativa. Elas aparecem em construções como “Não vou ficar pra semente”, “E pra encurtar o relato”, “Mas o que é bom se termina” e “O índio era um índio touro”. Já expressões como “Faz parte do meu passado” e “Desde guri fui assim” denotam variações diacrônicas, pois fazem uma volta ao passado do poeta nos versos elaborados. As variações diacrônicas auxiliam, mesmo que de modo nostálgico, a compor um “fio-condutor” que une o passado e o presente do escritor.

Reforçando os conceitos referentes às variações linguísticas e suas tipologias postas à mostra nos poemas analisados, Alkmim (2001, p. 42) mostra que para a Sociolinguística

A natureza variável da língua é um pressuposto fundamental, que orienta e sustenta a observação, a descrição e a interpretação do comportamento linguístico. As diferenças linguísticas, observáveis nas comunidades em geral, são vistas como um dado inerente ao fenômeno linguístico. A não aceitação da diferença é responsável por numerosos e nefastos preconceitos sociais e, neste aspecto, o preconceito linguístico tem um efeito particularmente negativo.

Os dois poemas analisados atendem aos preceitos estipulados pelo uso, pela mudança e pela variação linguística (diatópica, diastrática, diafásica e diacrônica). Em consonância a isso, o vocabulário - repleto de palavras e expressões identificadoras dos lugares nos quais os poetas se inserem - também contribui para que os conceitos prescritos pela Sociolinguística estejam em atuação.

A análise revelou, também, que a Sociolinguística se cristaliza enquanto prática linguística de inclusão, oportunizando ao leitor a possibilidade de enquadrar-se, por meio das propriedades de literariedade dos poemas, em um contexto temático que lhe possa ser inerente, natural.

O homem, guiado pela relação existente entre língua e sociedade, utiliza-se do modelo teórico variacionista proposto por Labov, o qual insiste na possibilidade, virtual e real, de sistematizar a variação existente e própria da língua. De acordo com esse modelo, os dados adequados à análise linguística devem ser extraídos da língua falada, isto é, do veículo de comunicação face-a-face. Trata-se, segundo Labov (1972), do vernáculo, a enunciação de expressões de fatos, proposições, ideias sem a preocupação de como enunciá-las, ou seja, trata-se do momento da enunciação em que o mínimo de atenção é prestado à fala.

Muitos outros objetos de estudo poderiam ser levados em consideração em se tratando de análise. Os que aqui foram escolhidos como primordiais à investigação já mostram múltiplas faces da ciência que integra língua, linguagem e sociedade (a Sociolinguística), sendo suficientes para atender aos anseios desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Sociolinguística, marcada pela heterogeneidade da linguagem, desponta como uma das áreas de estudo científico relativa à língua mais promissoras na atualidade.

Postulados teóricos que digam respeito ao uso, à mudança e à variação linguística são fundamentais, pois eles nos sugerem compreender que a língua, a linguagem e a sociedade encontram-se interrelacionadas. Sua dissociação, então, acarretaria a perda da essência constitutiva dessas propriedades, dificultando o processo de interação em uma comunidade de falantes.

Língua - enquanto sistema funcional - serve como ponto de partida à Sociolinguística. Os aspectos sociais como o uso, a mudança e a variação (diatópica, diastrática, diafásica e diacrônica) não devem, portanto, ser interpretados como objetos de aversão ou pior, de preconceito. Acerca disso, Marcos Bagno (2005, p. 75) mostra que “é necessário um trabalho

lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito”. Os componentes da Sociolinguística investigados neste trabalho se revelam como recursos utilizáveis e não como “erros” ou mesmo equívocos inaceitáveis.

Os objetivos previamente estipulados como motivadores desse processo de investigação (presença das variações linguísticas de ordem diatópica, diastrática, diafásica e diacrônica, além de aspectos referentes à mudança e ao uso) foram, desse modo, observados e demos respostas a eles por meio das análises qualitativas realizadas, tendo como suporte de apoio (bibliográfico) os pressupostos teóricos que estão engajados à Sociolinguística, permitindo que façamos, dessa maneira, as observações finais acerca disso.

O estudo realizado contribui, definitivamente, para que possamos observar as múltiplas vertentes que perpassam a língua em situações de uso, sejam elas manifestadas por meio de textos orais (produzidos na interação face a face), sejam em produções escritas (como os poemas, por exemplo). É nesse universo de diferenças, heterogêneo e instável que a língua se cristaliza como potencial objeto de manifestação.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, Anna C. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, v.1, p. 21-47.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2005.

FIORIN, José Luiz (Org.). Prefácio. In: _____. *Introdução à linguística: I. Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 7-9.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1986.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

PETTER, Margarida. Linguagem, Língua, Lingüística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística: I. Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 11-24.

SILVA, Romero Tavares. Grandes Autores. Disponível em: <http://www.fisica.ufpb.br/~romero/port/ga_pa.htm>. Acesso em 31 jul. 2011.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.

TERRA site de relacionamento. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/jayme-caetano-braun/570674/>>. Acesso em: 31 jul. 2011.

